



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A NOVA ARQUITETURA DAS HISTÓRICAS CIDADES AFRICANAS: as megacidades – La Cité du Fleuve e Eko Atlantic Economic City

THE NEW ARCHITECTURE OF HISTORIC AFRICAN CITIES: the megacities - La Cité du Fleuve and Eko Atlantic Economic City

LA NOUVELLE ARCHITECTURE DES VILLES HISTORIQUES AFRICAINES: les mégapoles - La Cité du Fleuve et Eko Atlantic Cité Économique de l'Atlantique

METZKER-CASTRO, CONSTANÇA GABRIELA

Mestra Em Arquitetura e Urbanismo Ppgau/Ufba¹

“Nenhuma gota de minha dignidade depende de sua aceitação de mim”.

Ray Charles

Resumo: Nas últimas duas décadas houve uma mudança na chamada narrativa africana antes contada de forma a manter e alimentar estereótipos de pobreza, doenças e conflitos internos, por outra que assinala um crescimento econômico nunca antes experimentado no continente e um alarde sobre uma possível estabilidade política. A narrativa “acolhe” demandas sociais legítimas como a geração de novos postos de trabalho e equilíbrio do mercado financeiro, mas em contrapartida explora recursos naturais e humanos à custa da manutenção de privilégios para as elites locais que asseguram a continuidade dos seus negócios. O novo desenho apresentado pretende erigir megacidades “inteligentes” sobre substratos descolados dos seus antigos cânones, cujas características principais incluem autossuficiência e sustentabilidade. Os projetos ambiciosos são financiados, em grande parte, por investidores privados estrangeiros que apostam na construção desses “oásis” de luxo em países como o Congo e a Nigéria.

Palavras – chave: Arquitetura Africana – Megacidades – Congo - Nigéria – Levante Africano

Abstract: In the last two decades there has been a change in the so-called African narrative previously told in order to maintain and nurture stereotypes of poverty, disease, civil wars and internal conflicts, on the other that points to economic growth never before experienced on the continent and a boast of possible political stability. The narrative “welcomes” legitimate social demands such as the generation of new jobs and financial market equilibrium, but in return it exploits natural and human resources at the expense of maintaining privileges for the local elites that ensure the maintenance of their business. The new design is intended to erect “intelligent” mega-cities on substrates detached from their old canons, whose main features include self-sufficiency and sustainability. The ambitious projects are largely financed by foreign private investors who are betting on building such luxury “oasis” in countries like Congo and Nigeria.

¹ Membro do Grupo de Pesquisas Etnicidades – PPGAU/UFBA. E-mail.: castrocm01@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Keywords: African Architecture - Megacities - Congo - Nigeria - African Uprising

Resumé: Au cours des deux dernières décennies, la théorie dite africaine a évolué pour maintenir et entretenir les stéréotypes de pauvreté, de maladie, guerres civiles et conflits internes. Elle met en exergue une croissance économique jamais vue sur le continent et une possible stabilité politique. Le récit "accueille" les demandes sociales légitimes telles que la création de nouveaux emplois et l'équilibre des marchés financiers, mais exploite en retour les ressources naturelles et humaines au détriment du maintien de privilèges pour les élites locales assurant le maintien de leurs activités. La nouvelle conception est destinée à ériger des mégapoles "intelligentes" sur des substrats détachés de leurs anciens canons, dont les principales caractéristiques sont l'autosuffisance et la durabilité. Les projets ambitieux sont en grande partie financés par des investisseurs privés étrangers qui misent sur la construction de telles "oasis" de luxe dans des pays comme le Congo et le Nigéria.

Mots-clés: Architecture africaine - Mégapoles - Congo - Nigeria - Levant africain

INTRODUÇÃO

Essa comunicação tem o propósito de apresentar e refletir sobre o lugar e a nova dimensão que a arquitetura da África vem tomando no seu próprio continente e a valorização, em seus diversos aspectos, perante o planeta. O "Levante Africano" é o termo usado para nomear o período mais recente da história africana que opera no sentido de apresentar uma imagem moderna das cidades africanas cuja narrativa de "renascimento e reconstrução" tem o caráter de "resgate" da esperança do seu povo após décadas de exploração europeia.

O fomento aos empreendimentos urbanos altamente tecnológicos, sustentáveis, e de porte extraordinário que moldam o levante africano, paradoxalmente se mostra dependente do capital estrangeiro e da instalação de empresas multinacionais que exploram os recursos locais naturais e humanos. A principal motivação desses vastos empreendimentos parece ser mesmo de cunho econômico, mas eles se comprometem, também, a revolucionar a perspectiva urbana do continente em curto espaço de tempo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Pessoas influentes e bem sucedidas, como o banqueiro milionário nigeriano Jim Ovia² (2016) acredita que “a mídia internacional está completamente desinformada e eles tem a mentalidade de que a África ainda é um continente de guerras, um continente de fome; mas isso mudou... Eles estão começando a mudar sua mentalidade. O paradigma está mudando rapidamente”, afirmou ele.

Para melhor entender as oportunidades e os desafios envolvidos na governança africana será inevitável examinar mais de perto o papel das megacidades vistas como principais forças propulsoras do dinamismo econômico. Na medida em que o continente vem se desenvolvendo, as zonas de atividade econômica mudaram do campo para a cidade juntamente com quase metade da população que vive agora em grandes centros, uma expansão urbana informal considerando que a maior parte desse crescimento ocorrerá nas cidades, especialmente, nas favelas. A dinâmica desses deslocamentos desempenha um papel fundamental, ao contribuir positiva ou negativamente, para a estabilidade das cidades.

Segundo as pesquisas e estudos divulgados através do Fórum Econômico Mundial sobre a África³, o potencial e o progresso das economias africanas é descrito simbolicamente como os “leões em movimento⁴”. Entre os anos 2000 e 2015, passaram por uma gangorra oscilando entre crescimento e desaceleração devido, a fatores como o colapso dos preços globais das commodities, principalmente as minerais e financeiras, à queda de crescimento da produtividade tanto nos países que passaram por convulsões políticas da Primavera Árabe, quanto nos países exportadores de petróleo da África. Entretanto, apesar do abalo no desempenho das

² Jim Ovia é bacharel pela Southern University e A & M College, possui um MBA da University of Louisiana Monroe e um OPM da Harvard Business School. Ovia é filantropo e presidente da Fundação Jim Ovia. Em 2011, Jim Ovia foi conferido com o prêmio nacional nigeriano de Comandante da Ordem do Níger (CON).

³ O 26º Fórum Econômico Mundial sobre a África aconteceu em maio de 2016, em Kigali, Ruanda e reuniu líderes regionais e globais de empresas, governo e sociedade civil para discutir e fomentar a colaboração entre setores públicos e privados com fins a proporcionar prosperidade compartilhada em todo continente.

⁴ McKinsey Global Institute sobre a África, o Lions em movimento 2.0: O progresso contínuo das economias da África (2016).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

principais economias, o resto do continente conseguiu manter taxas estáveis de crescimento, o que vem, de maneira geral, mantendo o avanço. A resiliência africana em face das condições desafiadoras reflete a contínua diversificação em muitas das economias locais.

O Fórum Econômico Mundial ou *The World Economic Forum*⁵ (WEF), também, aponta três tendências positivas para o futuro da África que, provavelmente, servirão de suporte ao seu crescimento. Primeiro, um continente cuja população jovem e, crescentemente ativa aparece como um capital valioso frente a um mundo que envelhece. Em segundo lugar, a população do continente está se movendo para a cidade, estudos recentes, mostram que nenhuma parte do planeta está se urbanizando mais rápido que a África.

Este momento de transição demonstra que o aumento de produtividade na cidade chega a ser três vezes maior que no campo e que essa expansão urbana está contribuindo para o incremento do consumo das famílias e no aparecimento de novas empresas. Em terceiro, as economias africanas, também, estão bem posicionadas para se beneficiarem da rápida aceleração das mudanças tecnológicas, que incluem a penetração de telefones inteligentes e as habilitações de celulares que crescem e reforçam as perspectivas positivas do início de uma revolução digital que pretende mudar quase todos os setores da vida africana – empregos, relacionamentos, economias, indústrias, infraestrutura - com repercussões em todo continente.

A África, sem voz ou peso, nas revoluções industriais anteriores, agora está em uma posição privilegiada, prestes a colher as vantagens em seu novo lugar de destaque, uma vez que conta com vastos recursos e mercados inexplorados que podem ser substratos para uma renovação continental, acelerada pelas inovações tecnológicas.

⁵ *The World Economic Forum* foi criado em 1971 como uma fundação sem fins lucrativos e está sediada em Genebra, na Suíça. O fórum empenha-se em demonstrar o empreendedorismo no interesse público global, mantendo os mais altos padrões de governança.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 1: Cidade de Kinshasa (RDC). Fonte: REUTERS / Mike Hutching.

UMA CIDADE DENTRO DA CIDADE

"A Cidade do Rio" tem todas as características de uma obra arquitetônica que combina modernidade, sobriedade, simpatia e prazer de viver. Será uma fonte de orgulho para a RDC, porque, sem dúvida, se tornará o principal foco turístico, com os vários *spin-offs*⁶ que ele tem o direito de gerar". (2014).

Tradução livre do release de marketing de La Cité du Fleuve in <http://www.lacitedufleuve.com/presentation.html> acesso em 10.10.2018.

La Cité du Fleuve ou a Cidade do Rio nasce como um bairro futurista, ou ainda, como uma cidade dentro da cidade de Kinshasa que, atualmente, comporta uma população de mais de 10 milhões de habitantes, sendo considerada a maior cidade de língua francesa do mundo, com pretensões a se tornar a maior metrópole da África subsaariana e um modelo para o resto do continente. Ela representa a nova era do desenvolvimento econômico da África, um signo da aposta nos novos tempos, uma vitrine de negócios para o resto do mundo.

Trata-se, a rigor, de um empreendimento imobiliário urbano, idealizado como parte da modernização da cidade de Kinshasa, que ainda está em construção, idealizado em 2008, começou a sair do papel em 2009. Depois que relatórios geotécnicos,

⁶ Subprodutos de negócios gerados pelo comércio ou indústria.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

hidrológicos e de marketing, que custaram cerca alguns milhões de dólares e de especialistas que confirmaram a viabilidade do projeto, engenheiros da Zâmbia e arquitetos do Zimbábue projetaram as ilhas fluviais baseado no modelo de projeto feito em Dubai, enquanto os acionistas, liderados por um grupo europeu, se ocuparam em buscar apoio financeiro de investidores britânicos para a realização das obras do complexo localizado numa área adjacente a Kinshasa, na República Democrática do Congo (RDC).



Figura 2: Maquete virtual de La Cité du Fleuve em Kinshasa (RDC).

Fonte: <https://www.paperblog.fr/3804139/kinshasa-une-ville-en-mutation/>

Percebe-se que há uma complexa organização por trás do incorporador imobiliário que está convencido de que Kinshasa, após anos de estagnação, estaria prestes a passar por um “boom” econômico, ou seja, uma rápida expansão das atividades comercial e industrial, que corresponderia a progressos no investimento, no aumento de lucros e de postos de trabalho, apoiado por economias desenvolvidas através do capital estrangeiro incentivado pela redução de barreiras comerciais e do custo de fazer negócios, priorizando múltiplas redes de intercâmbio econômico, político e cultural com o intuito de promover o crescimento de atividades produtivas e mercantis, não só circunscritas ao aumento da rentabilidade e do crescimento econômico, mas ao desenvolvimento conjunto da ciência e da tecnologia.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Com características multiuso, *la Cité du Fleuve* tem pretensões de suprir lacunas financeiras, residenciais, comerciais e turísticas, ostentando uma infraestrutura de alta tecnologia, com padrão internacional, cuja oferta aos moradores da nova cidade inclui abastecimento perene de água de qualidade, gestão moderna de resíduos, segurança e um sistema de transporte de excelência. Para tornar esse produto acessível à classe média congoleza, um banco imobiliário, de capital estrangeiro, pretende ser aberto na ilha, o primeiro banco no Congo a conceder empréstimos a pessoas que desejam comprar uma casa através de crédito.

Instalada numa zona de inundação sazonal, foi necessário viabilizar uma superfície de 600 hectares de pântano, se utilizando, entre outras tecnologias, do depósito de um volume considerável de aterro, para a formação das duas ilhas, a partir de bancos de areia pré-existent, localizados no leito do Rio Congo. O projeto prevê, entre outros recursos tecnológicos, o desvio do curso de água do rio, e a correspondência entre o layout das áreas de construção e a configuração das ilhas. A ideia é transformar a área pantanosa em espaços para a alta classe com prédios residenciais e de negócios, ampla rede de hospedagem, transporte público, instalações comunitárias na perspectiva da construção de uma megacidade, afastada do atual centro da cidade de Kinshasa, na República Democrática do Congo (RDC).



Fig. 3: Operários sem EPI's, trabalham na deposição de areia para formação das ilhas de La Cité du Fleuve (RDC). Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-africa-14595625>

⁷ Equipamentos de Proteção Individual.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Para a área disponibilizada de 375 ha está prevista a construção de milhares de apartamentos, escritórios, casas e lojas, além de hotéis, igrejas, hospitais, edifícios administrativos, centros comercial e de convenções, escola, clube, marina e parque de diversões. Os previsíveis impactos ambientais causados pelo extenso aterramento para a formação das duas ilhas fluviais e sobre os frágeis ambientes subaquáticos que suportam aquele ecossistema, ainda não podem ser mensurados, embora já se saiba ter havido uma abordagem ambiental preliminar. Há, pelo menos, 40 edifícios com mais de 10 andares que estão, atualmente, em construção, em diferentes etapas, no centro da cidade que também contará com uma fonte independente de geração de energia.

O modelo espacial futurista concebido contém referências ao conceito de “cidade-espetáculo” como Dubai e Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, onde os cenários urbanos e suas esculturas arquitetônicas projetadas prometem inéditas experiências sensoriais aos espectadores e usuários da cidade. O desenho dos modernos prédios, também, se apropria de aspectos da cultura local, com formas circulares e vazadas que se assemelham a elementos da cestaria artesanal e formas trapezoidais que fazem referência à arquitetura moderna de Kinshasa. Ao projeto dos prédios do complexo, se incorporaram os elementos de concepção sustentável como os terraços verdes em diferentes níveis, mesclados aos traços da modernidade, evidenciados no térreo livre e nos pilotis.

O partido urbanístico adotado prevê a ocupação da ilha principal com um maior adensamento construtivo no centro com desenho radial concêntrico e edifícios com gabarito mais alto. Há, ainda, na área central, uma espécie de “eixo monumental”, com sentido sul-norte, com várias edificações especiais, as chamadas esculturas arquitetônicas e a complexidade de funções de caráter administrativo e de negócios, além de contemplar os equipamentos públicos, turísticos e de lazer e a ilha menor, ao norte, destinada basicamente a condomínios residenciais unifamiliares priorizando a tipologia das edificações horizontais e a arquitetura “neocolonial pós-moderna” com



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

volumetria que remonta a “era vitoriana”, porém com o uso de matérias atuais como: vidro temperado e aço inox.



Fig. 4: Maquete virtual das ilhas.
Google.



Fig. 5: Vila bifamiliar a La Cité du Fleuve. Fonte:
Google.

A meta é abrigar na ilha principal cerca de 250 mil habitantes com um orçamento de 250 milhões para as duas primeiras etapas da fase 1, que englobam o aterro e a infraestrutura (água, eletricidade, vias) seguindo obrigações contratuais contraídas com o governo congolês. A localização da futura *Cité Du Fleuve* é estratégica, adjacente a Kinshasa, entre a estrada que leva ao Aeroporto Internacional Ndjili e o distrito administrativo, empresarial e residencial de La Gombe. O objetivo é reduzir distâncias, interligando o mega empreendimento a Kinshasa por duas autoestradas modernas e duas pontes, e dessa forma criar um alto padrão de vida sem acirrar as recorrentes disputas por terras.

O investimento ultrapassa os 100 milhões de dólares. A proposta prevê a completa transferência do centro administrativo, comercial e de negócios da cidade de Kinshasa do atual sítio, para as duas ilhas e leva em consideração a construção dos edifícios da primeira fase, com prazo até 2020 para a última unidade, em parceria com investidores ingleses e chineses que depois de pronto podem vender ou alugar os imóveis estimando lucros de até 65% com os imóveis. O projeto é audacioso, e se coloca como um desafio, monitorado pelo Escritório de Estudos, Planejamento e Desenvolvimento Urbano (Beau) de Kinshasa, interface técnica do governo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

VIVA E TRABALHE



Figura 6: Maquete virtual da Eko City, Lagos -Nigéria
Fonte: <https://www.ekoatlantic.com/media/image-gallery/>

“Live and work” esse é o slogan da campanha de divulgação da *Eko Atlantic International Economic City* ou simplesmente, *Eko City* (E.C.), outra cidade costeira, ou melhor, uma ilha construída, artificialmente, para abrigar o futuro centro econômico da cidade de Lagos, na Nigéria. Situada sobre 10 milhões de metros quadrados de terra recuperada do Oceano Atlântico e protegida dele, por uma parede de blocos de milhares de toneladas com uma extensão de 8,5 quilômetros, a E.C. terá o tamanho da ilha de Manhattan. Autossuficiente e sustentável inclui design urbano sofisticado, geração própria de energia, água limpa, telecomunicações avançadas, largas estradas e ruas arborizadas.

A *Eko City* quer rivalizar com as cidades de Dubai e Hong Kong em porte e negócios, pretendendo ser o centro financeiro da África alinhada ao viés econômico neoliberal e a globalização com fins a atrair investidores de todo o mundo. O projeto quer suprir e incentivar operações comerciais, imobiliárias e promover novos circuitos turísticos a partir da instalação de infraestrutura com padrões modernos e de alta tecnologia por isso mesmo foi planejada para conter bairros, bem estruturados e de fácil acesso que congreguem, a um só tempo, moradia, lazer e trabalho.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A exemplo de *La Cité du Fleuve*, todo o projeto conta com investidores de diversos países, como os chineses que ficaram com a dragagem marinha e a operação de aterro, já o sistema de defesa do mar foi desenvolvido pelo instituto tecnológico de Copenhague, na Noruega e a energia será fornecida por um grupo da Nigéria. Muitas empresas foram criadas, especificamente, para desenvolver o empreendimento como subsidiárias de grandes grupos estrangeiros interessados em ampliar seu volume de negócios em regiões outrora improváveis.

GENTRIFICAÇÃO ESPACIAL E SEGREGAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM LAGOS

O argumento de que a opção pelo capital estrangeiro seria a saída para tirar o país da estagnação econômica, ao contribuir para o aumento da capacidade laborativa dos cidadãos, na medida em que, mais postos de trabalho seriam abertos e novas habilidades promovidas, parece cair por terra quando se constata a baixa contratação da mão de obra local para as construções em curso.

Sinistros que envolvem mortes que poderiam ter sido evitadas se tivessem sido promovidos cursos de capacitação prévia dos operários ou se tivessem observado a ausência do uso de equipamentos de segurança quando da realização de tarefas diárias nos canteiros de obra. Lamentáveis são as situações de risco apresentadas nos diversos vídeos disponibilizados nas redes sociais por agentes envolvidos com o empreendimento, no intuito de divulgar o andamento da obra e dar credibilidade ao comprador quanto à veracidade do complexo.

O descaso em relação à fiscalização dessas atividades é tão evidente, que durante essas apresentações promocionais, é possível notar trabalhadores da construção civil sem qualquer equipamento de proteção individual (EPI), ou seja, sem fardamento apropriado, sem luvas, capacetes, ou botas, muitos deles, descalços ou com calçados abertos, outros trabalhando com pés imersos em lama e concreto. Também, não há



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

garantias trabalhistas porque, muitos deles, são lotados como diaristas recebendo até cinco dólares ao dia, dos quais dois precisam gastar no deslocamento e alimentação diária. Flagrantes que reiteram a forma negligente e banalizada de contratar mão de obra barata para a produção dessas novas cidades.

Outra questão que vem a tona são os grandes impactos ambientais causados a médio e longo prazo não só os previsíveis, mas os que estão por vir, aqueles que levam um pouco mais de tempo para serem notados, como a erosão costeira, a elevação do oceano e a inundação das estradas de acesso à ilha. Consequências diretas da ação predatória humana em grande escala e seus desdobramentos para os mananciais de vida da região.

Os avanços do mar nos bairros mais pobres de Lagos, sobre as casas construídas sobre a faixa litorânea serviu de alerta e referência para o projeto da E.C. que considerou a construção de uma custosa barreira protetora, na área costeira africana, local de implantação do projeto. A barreira terá como função atuar como escudo do mar, na tentativa de proteger os prédios altos e as largas avenidas de serem engolidas pela ação das águas da maré, durante os ciclos naturais e incontornáveis do oceano.

Além da falta de água potável e do convívio com esgoto e lixo por falta do saneamento básico, moradores das comunidades pobres, como a comunidade de Otodogbame – um assentamento ancestral, com cerca de 5 mil pescadores, à beira-mar, na Península Lekki, as margens da Lagoa de Lagos, composto, predominante, do povo da tribo Egun e outras minorias étnicas locais, ali, estabelecidas desde o século XIX, que habitavam, até bem pouco tempo, em palafitas – foram expulsos por policiais armados após consumarem a destruição das suas frágeis moradias.

Eles viviam, essencialmente, da atividade pesqueira, mas nos últimos anos, esses pescadores e suas famílias passaram a viver um pesadelo, despejados à força, transferidos ou expulsos em ações violentas, ordenadas, segundo investigações, pelo



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

governo de Lagos, que organizou um plano de demolição dos barracos e palafitas, logo após um criminoso incêndio. O intuito foi de abrir caminho a esses novos empreendimentos multimilionários facilitando movimentos de dragagem e aterramento da lagoa, alegando um movimento para livrar a cidade dos criminosos que se escondiam por lá.

CANOAS E REDES DE PESCA

Inicialmente, cerca de 800 casas foram afetadas por uma destruição em massa que deixou cerca de 10 mil pessoas desabrigadas. A polícia nigeriana considerou a área de assentamento ilegal e atribuiu o ocorrido na comunidade aos confrontos entre os Eguns, oriundos do Benin e os Yorubás, nigerianos.

A insegurança tomou conta da área depois que a maioria das casas foi demolida e as pessoas foram despejadas, As ameaças e o ataque vindo do governo foram condenados veementemente por organizações humanitárias locais e internacionais, mas os protestos dos moradores para permanecer no local não demoveram o governo de levar seu plano adiante, pelo contrário acirraram confusões, com disputas e mortes. A retomada da faixa de terra teve início em meados no ano de 2015, as redes de pesca e o que coube dentro das canoas foram os únicos pertences que sobraram para as famílias que não tinham para onde ir após a demolição de casas e equipamentos públicos da comunidade como a escola e o centro de saúde pelas escavadeiras do governo e a ocupação dos terrenos pela polícia.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fig. 7:Incêndio e demolição – Otodogbame. Fig. 8: Moradora em choque sobre escombros.
Fonte:Google.

O acontecido em Otodogbame se tornou um símbolo das demolições brutais e da “limpeza” que vem ocorrendo em toda África, infelizmente, não é um caso isolado, parece que todas as comunidades da orla terão o mesmo destino, mas chama atenção pela forma agressiva e impositiva de condução da política de deslocamento das comunidades pobres para dar lugar as megacidades.



Figura 8: Barcos de pesca, demolição em Otodogbame. Fonte: Omgvoice.com

Sem qualquer explicação razoável calcula-se que 30 mil pessoas, ao final da demolição, foram desalojadas e espalhadas em 16 comunidades de Lagos. Segundo organizações locais, se o governo seguir nessa linha opressora, a projeção é que esse número alcance 300 mil desabrigados. Analistas concordam que os despejos que vem ocorrendo em toda África fazem parte do processo de gentrificação, a partir do aumento do valor da terra.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 9: Resgate de famílias sem abrigo por organizações não governamentais após demolição.

O CUSTO SOCIAL DAS MEGACIDADES AFRICANAS

“Toda cidade nova que projetamos e construímos deve ser uma miscelânea de compromisso e sacrifício de ambos os lados da divisão social. Devemos aprender a construir nossas cidades em torno do nosso povo, no lugar de estruturas. As cidades devem ser veículos para integração social, e não ferramentas para divisão”. (AGBO, Jr.: 2016)

Em 1861, Lagos era à época, um pequeno assentamento costeiro com fazendas de pimenta e comunidades pesqueiras que foi anexado pelos ingleses, tornando-se uma colônia britânica e a primeira capital da Nigéria. Atualmente, com 24 milhões de habitantes (2016) e a quarta maior economia da África. Lagos é uma cidade cosmopolita e influente no continente e talvez, ou por isso mesmo, o governo estadual venha realizando uma série de ações polêmicas que visam à transformação geométrica do porte e da imagem da cidade com o intuito de torná-la uma megacidade num curto prazo. Proibições e demolições desmedidas a exemplo do ocorrido em OtodoGbame, arruinada pela ação de tratores e escavadeiras do governo estadual, em frontal desobediência às decisões dos tribunais, terminam por confirmar as reais intenções dos gestores e a proporção dos efeitos sobre as populações mais vulneráveis.

Ações cosméticas não serão capazes de justificar, nem mesmo, esconder os problemas sérios que afligem Lagos. Para além da superfície, ou melhor, das belas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

fachadas dos novos prédios da cidade, tem-se os engarrafamentos, a superpopulação, os sem-teto, a insegurança, os congestionamentos, o autoritarismo, a legislação ineficaz, enfim um conjunto de sérios problemas, agravados por ações inconsequentes e midiáticas que depõem negativamente contra a imagem governamental e incrementa a pobreza ao expor os pobres que sem alternativas ou qualquer suporte, privados de cidadania e do exercício de sua principal atividade, a pescaria, são deixados à margem do novo processo.

CRÍTICAS AO PROJETO

A África está atingindo níveis de urbanização semelhantes àqueles que alimentaram o crescimento na China e Índia. Previsões estatísticas revelam que até 2025 cerca de 60% da África viverá em áreas urbanas. Essa urbanização acelerada tem efeitos imediatos na expansão das favelas em áreas urbanas o que mostra o quanto às cidades africanas não estão preparadas para este influxo.

A massiva migração das populações da zona rural para a zona urbana é impulsionada pelas oportunidades econômicas, de educação e trabalho, ao melhor acesso as redes sociais, de negócios e de serviços básicos oferecidas nas cidades. Muitos desses moradores fogem da pobreza, da escassez de recursos naturais, incluindo água e alimentos, desistem de viver em regiões devastadas pelas guerras e pelas severas condições climáticas na esperança de uma vida melhor na cidade.

Novos desafios e questionamentos, então, se colocam para as novas cidades, geradas na periferia das antigas: Como elas se prepararão para atender as demandas dos novos moradores? Como será possível oferecer serviços básicos de infraestrutura como saúde, saneamento, água potável e segurança para os seus milhões de habitantes? Como garantir emprego, alimentação e educação para um contingente cada vez maior?



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

As consequências da urbanização poderão ser aliviadas na medida em que os gestores e líderes africanos se preparem para elaborar e empreender um planejamento urbano inovador e inclusivo que se antecipe ou minimize o crescente caos urbano. Não é possível negar os benefícios e a importância da presença de empreendedores estrangeiros que aquecem o mercado com a venda de produtos e consumo de serviços gerando novos empregos, movimentando e incorporando dinheiro novo a economia, mas a Kinshasa projetada para o futuro, moderna, luxuosa e móvel, certamente, precisa ofertar, antes de tudo, água potável, energia e saneamento para sua população.

(I) MOBILIDADE

O abandono das principais vias de comunicação (nas e) entre as cidades devido à falta de visão estratégica sobre os traçados urbanos e interurbanos deixou esses países a mercê do capital privado, o que equivale a dizer que os principais projetos de reforma de pontes e construção de ferrovias vieram das grandes mineradoras estrangeiras que exploram ricas regiões de países como a Guiné, o Congo e a Nigéria. A recuperação das ligações, entre as principais cidades, a partir das expansões urbanas, vem ajudando a melhorar as rotas de transporte de minérios e de outros produtos e mercadorias dependentes dessa forma de deslocamento e circulação.



Figura 10 – Engarrafamento naturalizado na vida urbana. Fonte: [https:// www.theguardian. com/uk](https://www.theguardian.com/uk).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Segundo o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), os custos de transporte e os tempos de trânsito dessas cargas ao longo das rodovias são duas a três vezes, mais altos do que em outras partes do mundo. Acredita-se que nos próximos anos, os projetos de ferrovias e hidrovias navegáveis devem ser apoiados por grandes instituições financeiras que dizem buscar o desenvolvimento urbano virtuoso, ou seja, aquele em que se investe no aumento das atividades econômicas e na redução dos índices de desemprego.

Portanto, melhorar os centros urbanos e conectar cidades passou a ser prioridade, haja vista que os deslocamentos pelo continente se tornaram sombrios pesadelos, mas exigem um volumoso investimento e um habilidoso jogo financeiro que envolve a articulação entre os investimentos públicos e privados, estes últimos voltados essencialmente para a lucratividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, o crescimento urbano da África vem ocorrendo alheio ao conhecimento do mundo, longe das mídias, de maneira silenciosa, de sorte que, as megacidades, vêm sendo, até então, associadas ao continente asiático. Mesmo o instável cenário político-econômico dos últimos cinco anos não atrapalhou a história de crescimento africano, antes serviu para apontar a necessidade de potencializar suas aptidões se, de fato, pretendem seguir prosperando.

Depois de se livrarem do colonizador com toda a sua bagagem linguística, cultural e arquitetônica, tarefa mais difícil está sendo apagar os rastros deixados após décadas de ocupação e tentar retomar a imagem original africana, ainda que com as assimilações inerentes ao processo. Uma nova tragédia parece estar sendo desenhada com a devida licença do governo. As megacidades que vem sendo projetadas e realizadas pelo continente já nascem como enclaves ricos, praticamente,



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

descolados e desconectados das raízes culturais e da realidade dos habitantes do seu entorno.

Essas cidades são réplicas do novo modelo de arquitetura executado em países asiáticos, transportados, cirurgicamente, para a realidade africana. Ofertam uma vida cara, com infraestrutura e serviços inacessíveis ao africano comum, que reside em sua maioria em bairros periféricos e comunidades de baixa renda, em áreas de severo adensamento, sobrevivendo com mínimos recursos, e, em sua maioria, dependentes da proteção do estado.

Para viabilizar a implantação dessas megacidades o governo vem afastando os pobres das regiões próximas e visíveis da costa, terrenos considerados valiosos demais para estarem em mãos “erradas”. Com demonstrações de força desproporcional, desobedecem às determinações judiciais passando por cima das leis, enquanto os ocupantes das áreas cobiçadas e retomadas por essas autoridades assistem impassíveis o desaparecimento de suas moradias.

A corrida para encontrar novos locais de ocupação é dinâmica assim como o afluxo diário de pessoas nos novos assentamentos. Não há um plano governamental humanitário de acolhimento, de reassentamento ou qualquer compensação financeira pelas perdas materiais que recaem sobre populações inteiras deslocadas das suas comunidades para dar lugar às megacidades, que passam a viver como nômades, a espera de novos e sucessivos despejos. O que concorre para o risco iminente de desestabilização econômica, fragmentação e inquietação social devido ao grande número de pessoas e famílias envolvidas.

No caso das comunidades instaladas nas faixas litorâneas, o governo se vale da falta de licenças para construção de casas e a inexistência de títulos de posse para avançar rapidamente sobre essas populações. Com uma mira calibrada, reduzem a cinzas histórias de vidas inteiras. Por isso que mesmo com um crescimento econômico



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

promissor, essas megacidades não estão, necessariamente, se tornando lugares melhores para se viver muito pelo contrário, nelas o abismo entre a riqueza e a pobreza tem se expandido de maneira célere, carecendo de uma abordagem mais sensível para o enfrentamento da intensa expansão urbana informal.

Ao se considerar outro aspecto do desenvolvimento do continente, é possível perceber a capacidade de adaptação aos processos de globalização tendo em vista que os centros de atividade econômica vêm mudando do campo para a cidade e, em curto espaço de tempo, a população urbana será maior que a rural, colocando, por exemplo, a cidade de Lagos na expectativa de se tornar, em longo prazo, a maior megacidade do planeta. Há, portanto, de se questionar a lógica de promover as megacidades e a que preço elas vão impulsionar o crescimento local e global.

A esperança no porvir requer medidas de melhorias estruturantes no sistema educacional, reformas econômicas, que incluam a redução de barreiras do comércio entre regiões, ou seja, medidas que facilitem negócios entre os países vizinhos e reformas tributárias, começando por taxar mais pessoas que possam, efetivamente, pagar impostos, o que parece ser fundamental para o desenvolvimento mais homogêneo do continente. Além de incremento na infraestrutura digital africana como eixo de conectividade, cuja aposta numa mudança tecnológica já está sendo considerada como a quarta revolução industrial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA – CEAO, 2008;

MEREDITH, Martin. **O Destino da África. Cinco Mil Anos de Riqueza, Ganâncias e Desafios**. São Paulo: Zahar, 2017;

MACÊDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2014;



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

MBEMBE, Achile. **Crítica a Razão Negra: Ensaio sobre o racismo Contemporâneo**. Lisboa: Antígona, 2014.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES (SITES ACESSADOS)

AFRICAN BUSINESS CENTRAL. Disponível em: <<https://www.africanbusinesscentral.com/2018/08/04/the-narrative-of-africa-is-changing-says-jim-ovia-chairman-of-nigerias-zenith-bank-video/>> Acesso em: 24 de agosto de 2018;

BLOG JEUNE AFRIQUE. <<https://www.jeuneafrique.com/197271/archives-thematique/une-cit-ambitieuse-sur-le-congo/>> Acesso em: 25 de agosto de 2018;

COMMON EDGE. Disponível em: <<http://commonedge.org/tale-of-two-cities-unravelling-the-brutal-backstory-behind-africas-emerging-megacities/>> Acesso em: 11 de maio de 2018;

_____. Disponível em: <<http://commonedge.org/making-a-case-for-the-renaissance-of-traditional-african-architecture/>> Acesso em: 11 de maio de 2018;

CONGO FORUM. Disponível em: <<http://www.congoforum.be/fr/analysedetail.asp?id=210021&analyse=selected>> Acesso em: 15 de setembro de 2018;

LA CITÉ DU FLEUVE OFICIAL SITE <<http://www.lacitedufleuve.com>> Acesso em: 11 de maio de 2018;

PAPER BLOG. Disponível em: <<https://www.paperblog.fr/3804139/kinshasa-une-ville-en-mutation/>> Acesso em: 25 de agosto de 2018;

PREMIUM TIME JORNAL DIGITAL NIGÉRIA
<<https://www.premiumtimesng.com/news/headlines/215332-lagos-govt-police-hoodlums-connived-destroy-homes-otodogbame-residents.html>>

REVISTA DIGITAL FORBES. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/megacities/2011/04/04/the-problem-with-megacities/#5d8957966f27>> Acesso em: 24 de agosto de 2018;

REVISTA DIGITAL PULSE NIGÉRIA. Disponível em: <<https://www.pulse.ng/news/local/ambode-lagos-is-trying-to-become-a-megacity-and-it-is-losing-the-plot-in-the-process-id6423715.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2018.